História dos Estados Unidos

Guilherme Barbosa Checco*

NEGROS PROTAGONISTAS:

CINEMA E MÚSICA NA INTEGRAÇÃO RACIAL AMERICANA.

Introdução

Veremos de que maneira os EUA desde sua Independência até o final do século XX passaram por um momento de busca de identidades próprias, e como o negro exerceu um dos papéis principais nesse período. O foco do presente texto se voltará principalmente para o século XIX, porém também serão abordados outros momentos históricos.

Destacaremos qual foi a relevância da Guerra de Secessão na cinematografia americana, e como o Sul derrotado produziu um símbolo nacional. Discutiremos como a integração do negro na sociedade americana ocorreu também pela via da produção cultural, sendo o jazz o maior expoente dessa realidade.

Direcionando nossos olhares aos momentos de turbulência e até mesmo de retrocesso no processo de inserção do negro na sociedade americana, veremos de que maneira estes conseguiram se organizar e, de maneira paradoxal, formataram elementos presentes na cultura dos EUA até os dias de hoje.

Desenvolvimento

Iniciando nossa discussão no momento entre a independência dos EUA e o início da Guerra de Secessão, vemos que os "americanos" [1] viviam um momento de busca de uma caraterística própria, algum elemento que os uni-se, algo comum a todos que habitavam aquele território, enfim uma identidade. Como sabemos, a carta de proclamação da independência dos EUA, escrita por Thomas Jefferson, tinha uma base

* Aluno de Relações Internacionais da PUC/SP. Trabalho formulado para a disciplina de História da América ministrada no 2º semestre de 2010 pelo professor Cesar Campiani Maximiano.

iluminista e liberal, formatada em príncipios de “direitos alienáveis, entre os quais figuram a vida, a liberdade, e a busca da felicidade”.

Essas ideias, que serviram de fundamento para a proclamação da independência dos EUA, foram igualmente empregadas a formulação da ideia do “excepcionalismo americano”. Presente até os dias de hoje, esse excepcionalismo faz referência à ideia da singularidade que a nação americana representa, pois, por ser uma república baseada nos ideais de democracia e proteção aos direitos individuais, ela tem uma missão a desenvolver no mundo. Assim, surge a indagação se essa ideia sempre foi seguida e respeitada na história dos EUA, ou se essas afirmações ficaram mais próximas do simples discurso do que da prática. Talvez ao cabo desse trabalho possamos sair com um posicionamento mais claro a respeito desse assunto.

Contudo, a independência não era o bastante para fazer dos “americanos” uma nação, e aquele país sem nome necessitava do reconhecimento do mundo, principalmente da Inglaterra, para dar um passo a mais no seu processo de formação de uma identidade. Iniciaria-se então a chamada Guerra de Indenpendência (1775 a 1783), em que finalmente após a Inglaterra ceder, daria-se o início da vida dos chamados Estados Unidos, pois “para ter um nome, eles precisavam ser reconhecidos.” (Tota, *Os americanos* – p.33)

Vimos que a Carta de Declaração de Independência dos EUA tinha forte caráter igualitário e libertário, porém, a realidade demonstrava outra situação. Situação em que, com o início da importação de mão-de-obra escrava, mostrava-se clara e intensa a não aplicação desses princípios. Ainda que esse assunto tenha suscitado controvérsias desde seu início, o uso de escravos africanos foi intenso nos EUA.

Os EUA eram um país recém formado e divido entre si e uma das razões era decorrente das diferentes bases das economias das regiões Norte e Sul, as quais eram parcialmente frutos das característsticas geográficas. De maneira que os escravos eram utilizados em larga escala, principalmente nos territórios do Sul dos EUA, que tinha uma economia baseada na agricultura de pequenos proprietários e nas *plantations*. Enquanto o Norte foi desenvolvendo uma economia cada vez mais baseada na indústria, e juntamente com isso foi adquirindo um pensamento abolicionistas, visto que a escravidão era prejudicial ao processo de industrialização. Nota-se assim a existência de discordâncias entre as partes Norte e Sul, as quais passavam da discussão escravista, como também eram

relacionadas às questões que envolviam o direcionamento político-econômico do país. Enquanto o Norte era a favor de um governo central forte, o Sul desejava mais liberdade de ação e tinha medo de um governo central muito forte, pois isto poderia gerar excessos de poder, sentimento claramente expresso na famosa emenda constitucional *Bill of Rights.*

De maneira genérica, a partir dessas discordâncias e a vontade da parte Sul de se dessaraigar do resto, os sete estados adotaram uma Constituição provisória e formaram os Estados Confederados da América. Em 1861, inicia-se então a chamada Guerra de Secessão.

A partir de toda essa contextualização, é possível neste momento entrar mais a fundo nas discussões que envolvem o posicionamento do negro dentro da sociedade americana. Um dos grandes questionamentos no momento anterior a essa Guerra, era se o negro deveria seguir numa situação de escravidão, a qual ele era explorado de maneira absurda e fazia parte da base econômica sulista. Os chamados republicanos, com grande maioria nortista, defendia a abolição da escravidão, pois esta prejudicava os negócios envoltos ao processo de industrialização. Com a eclosão da Guerra, vemos um momento histórico marcante, mais especificamente em relação aos negros.

O que salta aos olhos é como a partir da Guerra os negros conseguem dar início a um processo lento de real inserção social e fim do trabalho escravo. Claro que a mudança não ocorre de uma hora para outra, ao contrário, há momentos de retrocesso, porém podemos identificar o momento da Guerra como aquele em que o negro começa a ter um contato mais próximo com os brancos. Em 1863, o presidente Linconl encaminha a proclamação da Emancipação, a qual declarava a libertação de todos os escravos nos estados rebeldes. A partir de então, os negros começam a fugir dos estados do *Deep South* e vão em direção aos estados do Norte, onde pretendiam encontrar possibilidades maiores para alcançar a liberdade. “Aware that Federal forces were their ticket to freedom, slaves began fleeing to Union troops whenever they approached nearby.” (*The American Civil* War – p. 294) Em certa parte isso realmente acontece, pois como a Proclamação de Emancipação autorizava o alistamento dos negros no Exécito da União, os negros iniciam uma vida militar, na qual eles conseguiam alcançar padrões de vida melhores e começam a ter um sentimento de pertencimento. Com isso gerou-se também uma preocupação por parte dos senhores sulistas, pois com a fuga dos negros para o

Norte, eles perdiam sua mão-de-obra, a qual era a base da sua fonte lucrativa na economia agrária.Vemos na carta de H. A. Yellowley, uma senhora sulista dona de escravos, que ela percebia nos negros que viviam no sul o anseio existente neles para juntar-se ao Norte, visando uma possibilidade de melhoria de vida, “the negroes ware all pleased at the sight of the Yankees” (p.163). A partir da carta de James Henry Gooding, um soldado negro da União, que aparenta sentir-se realmente como parte constituinte de algo maior, além de também deixar nas entrelinhas seu posicionamento de igualdade perante os outros soldados brancos. Ou seja, vemos que pela primeira vez há um contato mais intenso e pacífico entre brancos e negros, e também pela primeira vez os negros se sentem dentro de um outro âmbito de relacionamento. “It gave blacks, free and slave, a sense of belonging to the United States.” (*The American Civil War* – p. 368) Por verem essa oportunidade como a porta para a libertação, e pela sua própria cultura também, os negros tiveram um papel de relevância dentro das tropas da União, tanto pela sua disciplina quanto pelos números que representavam, “Mais de 150.000 soldados negros se encontravam no Exército da União, constituindo cerca de 10 por centro do total das tropas federais.”(Sowell, Thomas – *Etnias da América* – p. 228)

Com o filme *Glory* (direção de Edward Zwick, 1989) vemos como o Norte foi invadindo o Sul e devastando-o, gerando muitas perdas, as quais teriam que ser reparadas posteriormente. Ao final da Guerra, com vitória do Norte, o Sul se encontra em uma situação de grande destruição. Podemos definir a Guerra Civil como “um trauma final na história da escravidão” (p. 227), segundo os termos utilizados por Thomas Sowel, em *Etnias da América.* Começa então um processo de reconstrução, em que as tropas da União ficam no Sul com a finalidade de reconstruir os desastres causados pela Guerra, e também para garantir. Porém, “Os líderes políticos do Norte não souberam resolver a questão dos ex-escravos.” (Tota, *Os americanos* – p. 92)

Para ilustrar a afirmação acima, vemos quatro momentos crucias que diziam respeito à situação dos negros, e que iriam causar grande impacto no “avanço” que estes tiveram com a Guerra. Após a morte de Lincoln em 1865, Andrew Johnson ficou com o cargo, e então logo ratificou a 13ª Emenda Constitucional, a qual legalizava a abolição da escravidão. “Como democrata, não era um forte simpatizante da causa dos negros livres, e procurou deixar o destino dos ex-escravos nas mãos dos antigos senhores brancos do Sul” (Tota, *Os americanos* – p. 93), ou seja, vemos que os negros novamente começavam a ficar à deriva dentro da sociedade, pois uma vez nas mãos dos senhores

“racistas” do Sul, suas possibilidades de exercerem seus direitos e todo o resto acabavam por ficar muito limitadas, alguns até denominando esse momento como “escravidão sob nova roupagem”. Com Johnson no poder, a situação pós guerra ia voltando a ser como era antes da guerra, ou seja, os estados iam tomando cada vez mais poderes e o negros iam retrocedendo no seu processo de subjulgação. A ideia de “supremacia branca” tornava-se cada vez mais fluente, tanto entre os brancos do Norte quanto do Sul, e portanto os negros acabaram por não adquirir praticamente nenhuma participação social e política.

O segundo momento caracteriza-se quando o Congresso, contra a vontade do presidente Johnson, aprovou a 14ª Emenda Constitucional. Por ela, o governo federal ficava com a responsabilidade de garantir o gozo de todos os cidadãos de seus direitos, porém nesse momento “cidadãos” incluía não somente os nascidos nos EUA, como também aqueles naturalizados, de maneira que agora dava-se aos negros libertos o direito de voto. Assim terceiro momento se dá a partir de uma interpretação equivocada dos radicais, que concluíram que os negros estariam protegidos dos abusos dos senhores brancos do Sul, pois agora eram considerados cidadãos, não sendo mais necessária a ocupação do exército da União nos territórios do Sul, situação existente desde a derrota do Sul na Guerra Civil. Essa retirada das tropas da União ficou conhecida como Acordo de 1877, porém esse movimento foi de enorme engano, pois com ele “os brancos voltaram a dominar todos os mecanismos de poder.”

Muitos negros, como não queriam voltar a trabalhar para seus antigos senhores, foram em direção das cidades, onde então começou um fote movimento de segregação para com eles, e então os ex-escravos, como não tinham outra alternativa, começaram a se organizar de maneira conjunta nos seus próprios espações, as periferias das cidades e os guetos, “Iniciou-se a prática da segregação, isto é, os ex-escravos passaram a viver nas piores regiões da cidade, na periferia e em guetos.” (p. 95) Esse momento ilustra bem como a família e a comunidade sempre tiveram grande importância dentro da cultura negra, como destacado no livro *Etnias da América* de Thomas Sowell. A cidade fez com que de uma maneira ou outra a relação entre negros e brancos acontecesse a todo momento e em quase todos os ambientes, como no trabalho e na política (alguns negros começaram a ganhar espaço dentro da vida pública). O documentário *Jazz* (direção de Ken Burns, 2000), demonstra a situação pela qual a cidade de Nova Orleans passava

nesse momento histórico, onde essa interação forçada gerou como fruto o jazz, ao qual voltaremos a dar destaque adiante.

Os democratas sulistas foram tomando novamente o poder em suas mãos, e as práticas segregacionistas voltando juntamente ao cenário. As tentativas republicanas de tentar parar esse retrocesso foram barradas de maneira enérgica, sendo essas barreiras representadas principalmente pelo surgimento da Ku Klux Klan. Esse era um grupo segregacionista radical que foi ganhando cada vez mais espaço e aprovação dos brancos de todas as classes. Essa aprovação da sociedade de rebaixar a condição social e política dos negros teve como ápice as chamadas leis *Jim Crow*.

As leis *Jim Crow* representam o momento em que a Suprema Corte aprovou, em 1896, a legalização das práticas de segregação racial. Vemos que nesse quarto momento representa um retrocesso enorme daquele primeiro passo que os negros iniciaram com a Guerra Civil. “Juntamente com a repressão política e legal dos negros sulistas aumentou o número dos lichamentos de pessoas dessa raça(...) Com o passar do tempo, o linchamento tornou-se principalmente uma questão de brancos matando negros.” (Sowell, *Etnias da América* – p. 234). De maneira que, os negros perceberam que ao se juntarem em comunidades era mais do que necessário naquele momento, com a finalidade de abrandar a segregação. Não obstante houve divisões dentro da população negra americana, onde a elite negra se diferenciava das “massas negras”. Isso se deu devido à tentativa dessa “elite de tez mais clara” tentar inserir-se dentro da comunidade da elite branca.

Vemos portanto, que os negros que tiveram inúmeras dificuldades na sua estabilização dentro daquele território que era sua nova casa, produziram uma das primeiras características intrínsecas a cultura americana: o jazz. Esta produção cultural teve inicio na cidade de Nova Orleans, como retratado no documentário *Jazz,* e posteriormente, devido às intensas migrações internas correntes nos EUA, houve uma grande difusão desse gênero musical, o qual teve um impacto fortíssimo dentro da sociedade americana. Ou seja, mesmo com a segregação sempre presente, os negros começaram a deslocar-se para o Norte, em busca de uma realidade menos racista e com maiores possibilidades de empregos e com melhores condições. De maneira análoga a esse deslocamento, o jazz foi difundindo-se por todo território americano. Tota afirma em seu livro que esse tipo de produção cultural era uma maneira que os negros acharam de

se autoafirmarem. “O jazz – a grande invenção da cultura negra de Nova Orleans – foi, sem dúvida, uma manifestação de resistência dos afro-americanos.” (Tota, *Os* americanos - p. 135)

Ao lado desse processo de inserção do negro na sociedade americana estiveram também presentes os movimentos dos direitos civis, e dentro desse contexto, o discurso “Eu tenho um sonho” de Martin Luther King, em 1963 representa um marco histórico dessa luta. Cem anos após a proclamação da Emancipação, esse discurso externou toda a insatisfação de parte da sociedade para com a realidade que os negros ainda enfrentavam nessa época. Abaixo, um trecho do discurso que descreve em partes a barbárie ainda vivida pelos negros:

> There are those who are asking the devotees of civil rights, "When will you be satisfied?" We can never be satisfied as long as the Negro is the victim of the unspeakable horrors of police brutality. We can never be satisfied as long as our bodies, heavy with the fatigue of travel, cannot gain lodging in the motels of the highways and the hotels of the cities. We cannot be satisfied as long as the negro's basic mobility is from a smaller ghetto to a larger one. We can never be satisfied as long as our children are stripped of their self-hood and robbed of their dignity by signs stating: "For Whites Only." We cannot be satisfied as long as a Negro in Mississippi cannot vote and a Negro in New York believes he has nothing for which to vote. No, no, we are not satisfied, and we will not be satisfied until "justice rolls down like waters, and righteousness like a mighty stream." [2]

Em suma, podemos fazer a análise de que aos poucos os negros foram se inserindo dentro da fechada “supremacia branca”, por meio da organização conjunta, autoafirmação e resistência a partir de vários mecanismos, com possibilidades de trabalho e por fim virando produtores de cultura, e consumidores de mercadorias. De maneira que, aqueles que eram posto de lado à sociedade, tiveram papel de protagonistas nesse momento histórico de produção cultural e formação da sociedade nos EUA.

A eleição de Barack Obama em novembro de 2008, sendo ele o primeiro presidente negro de toda a história dos EUA, talvez represente o fim de um longo e árduo processo, ou então, somente mais um passo em direção a uma sonhada igualdade racial.

Notas

1.O uso das aspas aqui representa uma ideia retirada do livro "*Os Americanos*" do professor Tota. O motivo é que nesse momento histórico os EUA não eram uma nação, e portanto "os americanos" não representavam uma nacionalidade, e muito menos tinham alguma identidade em comum.

2.Trecho extraído do site American Rhetoric: http://www.history.army.mil/books/wwii/11-4/index.htm

Bibliografia

TOTA, Antonio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo, 2009.

SOWELL, Thomas. *Etnias da América*.

GALLANGHER, Gary W. ; ENGLE, Stephen D. ; KRICK, Robert K. ; GLATTHAAR, Joseph T. *The American Civil War*.

Depoimentos:

H.A. Yellowley, a Southern White Woman Tells of Slaves Running off to Join the Yankees Who Armed Them, 1862.

Private James Henry Good, a Northern Black Soldier, Fights for Freedom and the Union, 1863.

Sites:

American Rhetoric: http://www.americanrhetoric.com/